

Tancredo, uma aula de moderação

Haroldo Hollanda

Na arte de esgrimir politicamente com seus adversários, Tancredo Neves foi o maior virtuoso que conheci. Ele na verdade pertenceu a uma estirpe política revelada ao país após a Constituição de 46 e que vai rareando no Congresso. Sempre manobrou a palavra com grande destreza e aplicação, razão pela qual alguns dos seus discursos na Câmara e no Senado passaram a se constituir em peças inolvidáveis da oratória política brasileira. A exemplo de Talleyrand e da maioria dos políticos e diplomatas, valia-se da palavra para esconder o seu verdadeiro pensamento. Mas o fazia sempre com uma elegância e um espírito de fina ironia, que deixavam encantados mesmos os que dele discordavam mais fortemente. Tratava-se, contudo, de reverenciar a inteligência política e sagaz daquele mineiro sempre educado e polido, mesmo nos momentos das lutas políticas mais duras.

Nascido e criado em São João Del Rey, a formação política de Tancredo Neves se fez no antigo PSD de Minas, ao lado de figuras como Benedito Valadares, José Maria Alkmin, Gustavo Capanema, Israel Pinheiro, Juscelino Kubitschek e tantos outros. Depois de 50, eleito Getúlio Vargas, Tancredo Neves iria ocupar em seu Governo o cargo de Ministro da Justiça. Quando Vargas se viu acuado no Palácio do Catete pelos seus adversários políticos, Tancredo não lhe faltou, mesmo nos minutos finais. Conclamou Vargas a junto com ele e todos os demais que se dispusessem a tal, a resistir aos que tentavam apedá-lo do poder. A partir daqueles dias, a personalidade forte de Vargas iria influir poderosamente como exemplo, também na formação e na própria conduta política de Tancredo Neves. Mais recentemente, já eleito Presidente da República do Brasil, muitos viam na entonação dada por Tancredo em seus discursos e nos gestos com que respondia às saudações e aos aplausos as mesmas características de Vargas.

Tinha ainda outro ponto em comum com Vargas: sempre tratava a todos com a maior afabilidade e algumas vezes até com ternura. No cumprimento formal, porém evitava a intimidade excessiva.

De 46 para cá a sua carreira política é constituída de altos a baixos, de momentos do maior êxito político, seguidos de períodos de completo ostracismo. No Governo Vargas, aos quarenta anos, é ministro da Justiça. Com o suicídio de Vargas, sua carreira entra em zona de sombra. Em 60, ele desponta como o candidato favorito ao Governo de Minas, apoiado pelas forças políticas mais expressivas do Estado, tendo à frente o PSD mineiro. Do outro lado da trincheira se encontrava como candidato seu tra-



Eilson Soares

Através da História, o personagem do slogan «Muda, Brasil» deu vivas demonstrações capaz de unir as diferenças

dicional rival político do Estado, o deputado Magalhães Pinto da UDN de Minas. Contra todas as expectativas, Magalhães derrotou Tancredo e se elegeu governador de Minas. Nova fase de ostracismo para Tancredo.

Mas vem a renúncia de Jânio Quadros e no decorrer da crise para a posse de João Goulart, Tancredo desempenha papel importante, como negociador político com os militares. Aliás, o militar com o qual negociou politicamente a posse de João Goulart era o então general-de-brigada Ernesto Geisel, na época comandante militar do Planalto. Com a posse de João Goulart e a adoção no país do regime parlamentarista, Tancredo é chamado a organizar o primeiro Governo de Gabinete, desempenhando as funções de primeiro-ministro. Foi a única fase em que o parlamentarismo ensaiou alguns passos para funcionar razoavelmente. Com a dissolução do Gabinete por ele organizado, Tancredo retorna à Câmara.

Veio em seguida a deposição de João Goulart e o movimento militar de 31 de março de 64. Esteve tanto em 64 como em 68 ameaçado por várias vezes de cassação política. Com a dissolução do PSD, logo estaria filiado ao MDB, a única trincheira que restou às Oposições, ameaçadas e perseguidas, uma oposição quase simbólica ao regime. Mas o seu gabinete de deputado sempre foi o mais procurado na Câmara, por todos quantos se interes-

savam em ouvir a opinião de um homem experimentado e sensato em suas apreciações.

A medida que a presença das Oposições voltou a crescer no país, também a importância de Tancredo Neves no seio do MDB voltou a avultar. Isto particularmente após 74, em que os caminhos da abertura política tornaram a se iluminar de esperança. Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, representavam, cada um deles a seu modo, os dois pólos de irradiação política dentro do PMDB. Ulysses, a voz da denúncia, que não se dobrava diante das ameaças. Tancredo, a palavra da moderação, o homem que acreditava no ponto de vista de que só poderíamos sair do regime militar, através da transação e da negociação. Tanto acreditou nisso que sua candidatura à Presidência da República e a sua própria eleição posterior se transformaram num ato pacífico de transição do regime militar para o poder civil. Ulysses tinha outra visão dos acontecimentos. Mas a que terminou prevalecendo e ganhando consistência, pela sua viabilidade política, foi a de Tancredo Neves. Tancredo nutria-se naturalmente da sua vasta experiência política, calcada em nossa história, onde os exemplos de ruptura são raros, para não dizer raríssimos. E as soluções negociadas, em momentos de crise, constituem-se em atos frequentes em momentos decisivos da vida nacional.

Desde os idos de 74 que Tancredo projetou no MDB a figura da conciliação, da moderação, contra a de Ulysses, o insubordinado, o que não aceitava negociar com o adversário que o ameaçava de humilhação. O curioso é que, embora cumprindo estilos diferentes, ambos tinham uma visão semelhante dos acontecimentos e talvez até dos seus próprios desfechos. Projetando no MDB e no país a figura do negociador, do conciliador por excelência, Tancredo estava construindo o seu caminho em direção à Presidência da República. Ligou-se muito no Senado a dois políticos do Governo que gozavam da confiança dos militares: os senadores Petrônio Portella e Jarbas Passarinho. Nas eleições de 78 fez um acordo em Minas Gerais com seu tradicional rival político, o deputado Magalhães Pinto, e se elegeu senador pelo Estado. A partir da sua eleição para senador a sua estrela política começou de novo a agigantar-se em Minas Gerais, inclusive como o único nome capaz de congregar em torno de si as diferentes forças oposicionistas, interessadas na conquista do Governo do Estado, como trampolim futuro para arrebatar a Presidência da República. Nessa época funda o Partido Popular e se desliga do MDB, acusando o partido de estar sendo dominado pelos radicais. Mas o poder militar, na sua ânsia de nada perder, baixa uma legislação eleitoral casuística, que torna inviável um partido como

o PP. Ou as Oposições se unem num corpo ou serão arrazadas nas urnas pelo PDS, que representava o poder militar. O PP é extinto e Tancredo com todos os seus antigos correlegionários, sendo que agora alguns deles oriundos da antiga Arena, entram com ele no MDB, agora transformado em PMDB.

Vêm as eleições de 82 e como candidato ao Governo de Minas, Tancredo é vitorioso. Assume o Governo do Estado e logo passa a ser apontado como um dos virtuais candidatos à Presidência da República. Trabalha dentro de suas hipóteses: não exclui a possibilidade de ser candidato. No entanto, se sua candidatura não for possível, joga com a segunda hipótese, que seria a união de Minas Gerais em torno da candidatura Aureliano Chaves, à Presidência da República. São os dois nomes que, um no Governo, outro nas Oposições, reúnem as melhores condições para governar o país, pelo grau de confiança que inspiram à Nação brasileira. De qualquer maneira, influinte na sucessão presidencial, pretendia dar a Minas a expressão política reclamada pelo Estado. Mas logo o ex-Presidente Figueiredo minaria as chances da candidatura Aureliano Chaves à Presidência da República. Dentro do Governo havia duas candidaturas, a de Mário Andreazza e a do deputado Paulo Maluf, ambas consideradas por todos os observadores como incapazes de congregar em torno delas um grande e inspirador movimento de confiança e de redenção nacional. Andreazza foi tragado pela candidatura Maluf. Diante desse quadro ameaçador, houve como que um movimento nacional para fazer de Tancredo Neves o candidato das forças majoritárias da Nação. Em pouco tempo de campanha, o seu nome se transformou em símbolo de todas as aspirações nacionais. Seus próprios adversários políticos, mesmo os da véspera, reconheciam que ele chegava à Presidência da República com uma força sem precedentes, com um respaldo popular inigualável. Nem mesmo Getúlio Vargas ou Jânio Quadros haviam conseguido arrebatar em torno dos seus nomes, como Presidentes, o mesmo fervor popular conquistado por Tancredo Neves. A doença, às vésperas da posse, foi uma frustração da qual a Nação brasileira, ainda não se recuperou. E Tancredo pode não ter assumido a Presidência da República. Mas ele já prestou o maior serviço: com o seu tato, habilidade e visão dos acontecimentos, ele conseguiu libertar o país do autoritarismo e nos conduziu de volta ao poder civil com promessas de restauração da normalidade constitucional. E o seu nome há de constituir para todos os brasileiros nesta hora um exemplo e fonte de inspiração para as novas lutas em que estaremos empenhados pelos próximos anos.